Tomo I | Número 8 | Junho e Julho de 1958

ITAJAÍ, COMO AS DEMAIS CIDADES DA BACIA DO ITAJAÍ, TEM A SUA INDÚSTRIA BEM APARELHADA. ORGULHA-SE DE PRODUZIR ARTEFATOS DE PRIMEIRA QUALIDADE QUE RIVALIZAM COM OS MELHORES DO PAÍS. SEU PÔRTO E' O MAIOR DO ESTADO E O ESCOADOURO DE TÔDA A PRODUÇÃO DO CENTRO E OESTE CATARINENSES. SUAS PRAIAS ATRAEM VERANISTAS DO ESTADO E DOS ESTADOS VIZINHOS. SERÁ, EM BREVE, UM DOS GRANDES PRODUTORES BRASILEIROS DE CIMENTO. ESTÁ LIGADO, POR FERROVIA, A QUASE TODOS OS MUNICÍPIOS BANHADOS PELOS CINCO ITAJAÍ. QUANDO VIER A S. CATARINA, FAÇA A SUA VISITA A ITAJAÍ.

Contribuição da SAMARCO

Blumenau em Cadernos

Mensário dedicado à história e aos interêsses do Vale do Itajaí

Assinatura 12 números	Cr$ 100,00
Número avulso	Cr$ 10,00

Administração e responsabilidade de Luiz Ferreira da Silva.
Tôda a correspondência deverá ser dirigida a

Blumenau em Cadernos
Caixa Postal, 425
BLUMENAU — S. CATARINA

BLUMENAU em CADERNOS

Tomo I	Número 8	Junho e Julho de 1958

A Lei n.º 11 e a Colonização da Bacia do Itajaí

OS PESQUISADORES que trataram dos fatos relacionados com a colonização e o povoamento da Bacia do Itajaí-açu, têm laborado em engano quando se referem aos efeitos da lei .º 11, de 5 de maio de 1835, ato êsse inspirado pelo benemérito deputado provincial Agostinho Alves Ramos.

E, no entanto, a lei é clara. A sua simples leitura não suscita dúvidas quanto à sua interpretação e as conseqüências, dela advindas, confirmam os propósitos do legislador.

Realmente, esta lei está assim redigida nos seus dois primeiros artigos:

"Art.º 1 — Nos rios ITAJAÍ e ITAJAÍ-MIRIM, da Freguesia do Santíssimo Sacramento, se estabelecerão DUAS COLÔNIAS, dada uma com DOIS ARRAIAIS".

Art.º 2 — Nos lugares denominados POCINHO e TABOLEIRO se situarão os dois primeiros arraiais. Os dois últimos, no caso de progredirem as colônias, deverão ser um nas nascentes do Ribeirão Conceição, braço dêste último e o outro no alto daquele, no lugar Belchior, ou mais acima, em sítio tal, que ambas as margens possam ser habitadas. "(O grifo é nosso).

O próprio e ilustrado Dr. Jacinto Antônio de Matos, cujo trabalho "A Colonização do Estado de Santa Catarina" é obra geralmente consultada e que se constituiu autoridade na matéria, trata apenas de uma das colônias criadas por essa lei, silenciando quanto à outra.

Outros autores, menos avisados, baseiam-se nessa lei para afirmarem que apenas uma colônia foi visada por ela.

Isso está em evidente contradição com o texto acima citado e com a realidade dos fatos.

As colônias realmente criadas foram duas e não uma. A que recebeu o nome de Itajaí não foi a que teve por sede os arraiais de Pocinho e Belchior e, sim, a que se iniciou nas imediações do Taboleiro, na atual estrada Itajaí-Brusque.

Agostinho Alves Ramos, pai dessa lei e que foi o encarregado de pô-la em execução, deu, realmente, começo aos dois estabelecimentos.

Foi mais feliz com o segundo do que com o primeiro. E isso mesmo não logo de início, quando o fracasso coroou as duas iniciativas.

A Colônia de Belchior, para onde êle encaminhara elementos alemães, vindos de São Pedro de Alcântara, e o fato do aquartelamento, ali, de uma companhia de pedestres, de proteção contra as incursões dos gentios, prosperou. Aos soldados, comandados por Henrique Etur, também foram distribuídos lotes para colonizar.

E a extraordinária atividade de Etur, vindo com autorização para medir, demarcar e distribuir lotes coloniais e, bem assim, providenciar o necessário para a formação do povoado, concorreu de maneira decisiva para o progresso que Belchior foi conquistando. A êle e aos seus soldados-colonos se deve o desbravamento de quase todo o território marginal do Itajaí até as alturas da foz do rio do Têsto, antes da chegada do Dr. Blumenau.

Os caboclos que o filósofo alemão encontrou com casa e culturas às margens do Garcia e da Velha e do Itoupava, não eram senão colonos de Belchior. Êstes também fundaram Gaspar.

Já com a colônia do Itajaí-mirim, do Taboleiro, Alves Ramos não teve a mesma sorte. Mas não deixou de encaminhar para ela grande número de colonos, nacionais e estrangeiros. Êle próprio, Alves Ramos, possuía uma fazenda no Ribeirão Conceição, onde construíra uma olaria e de onde extraía muita madeira que, desdobrada em taboado, era exportada para a capital da província e, dali, para outros pontos do país.

As incursões do gentio esmoreceram o entusiasmo colonizador.

Foi, entretanto, apreciável o número de colonos que requereram terras e as aproveitaram para lavoura e pastagens às margens do Itajaí-mirim, na época da lei n.º 11 e nos anos seguintes.

Não há, pois, como confundir as duas colônias. Ambas tiveram comêço com a lei citada e em ambas houve trabalho e povoamento.

RECEBEMOS, com gentil dedicatória do seu brilhante autor, um exemplar da segunda edição do magnífico trabalho do Coronel Marcos Konder, ex-prefeito de Itajaí e uma das mais apreciadas inteligências de Santa Catarina. Um dos poucos trabalhos impressos que versa sôbre a fundação e desenvolvimento da cidade da foz do Itajaí-açu, o livro do Coronel Marcos Konder merece ser lido com carinhoso cuidado, pois além de trazer até nós o passado de sua terra, o autor versa o assunto com maestria e sentimentos afetivos pelo torrão natal. Muito obrigado ao Sr. Marcos Konder pela gentileza da oferta, da "A PEQUENA PÁTRIA".

Fritz Mueller e o Presidente Coutinho

J. FERREIRA DA SILVA

POR ocasião do transcurso do centenário da Biblioteca Pública de Santa Catarina, o ilustre professor Walter Piazza, que vem prestando assinalados serviços às letras catarinenses, publicou um interessante estudo biográfico de João José Coutinho, presidente da província de 1850 a 1859.

Coutinho, como se sabe, foi o fundador da Biblioteca Pública de Destêrro, distinguindo-se o seu longo govêrno pelo vivo e patriótico interêsse manifestado em prol da instrução e educação do povo.

Nos modestos trabalhos que tenho publicado sôbre o povoamento e a colonização da Bacia do Itajaí, tive oportunidade, várias vêzes, de fazer referências à atuação de Coutinho frente aos destinos administrativos da província. O Dr. Blumenau tinha dêle queixas muito amargas. Parece que o presidente não gostava muito da colonização alemã, sobretudo de protestantes. E tratava o Dr. Blumenau com muitas reservas que magoavam profundamente o colonizador.

Mas, isso não desmerece o valor de Coutinho como administrador e, sobretudo, como governante que via, na instrução, o melhor instrumento de elevação material e espiritual de um povo, de grandeza econômica e moral de um estado.

Como uma contribuição à história dêsse ilustre governante, desejo relembrar fatos que estão ligados à fundação do Liceu Provincial, outro magnífico empreendimento de Coutinho, e à atuação do sábio Fritz Mueller como um dos primeiros professôres daquele estabelecimento de ensino.

Êsses fatos são contados, pelo próprio sábio, em cartas aos seus amigos e parentes, missivas recolhidas e publicadas pelo sobrinho Alfredo Mueller, em obra impressa na Alemanha em 1920.

Fritz Mueller veio, com a espôsa e uma filhinha, em 1852, para Blumenau. Ali adquiriu um lote de terras. Tornou-se colono.

Alternava a pena com a enxada; durante o dia tratava das suas plantações, tirando horas para estudar a flora e a fauna da região, legando-nos trabalhos admiráveis sôbre os dois grandes reinos da natureza.

Blumenau, que exultara quando o sábio veio para a sua colônia, uma figura já conhecida e respeitada no mundo científico, verificou, com tristeza, pouco depois, que as idéias materialistas de Fritz eram muito perniciosas ao seu estabelecimento. E quando teve notícias da fundação do Liceu Provincial, interessou-se junto a Coutinho para que Fritz Mueller fôsse convidado a fazer parte do corpo docente.

Coutinho acedeu. Blumenau teve que expender muitos argumentos para induzir Fritz a aceitar o convite. Mas, afinal, concordando em ir tratar pessoalmente com o presidente, Fritz seguiu para Destêrro em meados de 1856. Foi só. Queria, antes de assumir o cargo, se o aceitasse, aprofundar-se no conhecimento do português, língua já sua conhecida nas estruturas, mas impossível de ser praticada na colônia pela falta de elementos que a manejassem com a desejada correção.

A família seguiu-o seis meses depois.

Sôbre o Liceu, Fritz Mueller conta que, ao comunicar-lhe o Dr. Blumenau a escolha, pelo presidente, do seu nome para reger a cadeira de matemática, relutou em aceitá-la.

Grande parte do trajeto de Itajaí à capital, foi feito a pé, obrigando o sábio a palmilhar longos trechos a beira-mar.

O material atirado pelo oceano às praias, algas, conchas, moluscos, despertaram nêle o antigo entusiasmo pelo estudo, iniciado já na Alemanha, dessa classe de sêres, sôbre os quais fizera interessantes comunicações a instituições científicas européias e publicara alguns trabalhos em revistas especializadas.

Realmente, com o seu amigo e também renomado cientista, Max Schultze, Fritz explorara a fauna marinha em Greifswald e recolhera elementos preciosos, infelizmente não completos em virtude da sua mudança para a Bacia do Itajaí.

O seu encontro com Coutinho foi cordial. O presidente estava entusiasmado com a idéia do Liceu e soube influir no espírito do sábio, afastando dêle a indecisão, que

Era assim, nestes trajos, que o sábio, mundialmente famoso, percorria as ruas e estradas de Blumenau, colhendo material para os seus estudos de botânica e zoologia. Compreende-se assim porque êle tinha horror aos sapatos que era obrigado a usar como lente do Liceu Catarinense.

ainda alimentava, em trocar o seu lote de terras, as suas roças, as suas criações pela cátedra. "Sobretudo — escrevia êle — mais tarde, agradou-me o próprio presidente pelas suas maneiras simples e delicadas, vivo contraste com os burocratas prussianos".

Aceitou o encargo, voltando a Blumenau para acertar os seus negócios e, depois de mais alguns dias regressou ao Destêrro, desta vez, em companhia do Dr. Becker, outro colono, perito nas letras jurídicas, também nomeado pelo presidente da província para a cadeira de latim.

Êsse Becker foi nomeado diretor, encargo declinado por Fritz Mueller. Em princípios de 1857 começou a funcionar o Liceu com quatro cadeiras: Latim, francês, inglês e matemáticas (aritmética, álgebra até equações do segundo grau e geometria). Outras classes foram abertas depois, como a de Geografia, história, filosofia, e, por sugestão de Fritz, a cuja orientação ficou adstrita, a de história natural.

Coutinho foi o presidente que por mais tempo permaneceu à frente do govêrno e pôde, assim, completar muitos trabalhos que, de outro modo, teriam permanecido em meio caminho.

Fritz Mueller, em cartas, por várias vêzes, enaltece a capacidade administrativa do presidente: "Êle recebera o tesouro provincial em condições muito tristes, mas em pouco tempo pô-lo na melhor ordem, de forma que, para as obras públicas, estradas, pontes, nunca lhe faltaram os meios sempre concedidos pela assembléia".

Fiscalizava, pessoalmente, as obras empreendidas e não raro visitava, de improviso, as repartições públicas para se certificar se os funcionários estavam a postos e se as cousas corriam como êle queria que corressem.

O Liceu era a menina de seus olhos. E assistia também às aulas, especialmente nos primeiros tempos e, de preferência, às dadas pelos professôres alemães.

De comêço, pareceu a Fritz que o presidente não gostava muito dos seus métodos de ensino, diferentes dos adotados no país. Mas, em pouco tempo, ganhou as simpatias do sábio e dos demais professôres que obtinham dêle tudo quanto sugerissem no interêsse do ensino ou do aperfeiçoamento do material didático.

Assim, por exemplo, além de atender à solicitação de Fritz Mueller, que lhe pedira autorização para transformar um pequeno trecho da vasta chácara do Liceu num jar-

dim botânico, providenciou, êle mesmo, a vinda de sementes e plantas de buriti, a elegante palmeira de leque, que não se encontra na zona litorânea.

"Certa vez êle assistiu à lição de zoologia" conta Fritz, "na qual eu explanava particularidades das tintureiras, êsses interessantes sêres marinhos. Dias depois, mandou-me, para uso da classe, um belíssimo exemplar de argonauta que apanhara, anos atrás, no Rio de Janeiro".

"Quando eu lhe dei a entender que poderia ministrar aos alunos mais adiantados, algumas lições de física e química, êle imediatamente pôs à minha disposição soma maior do que a necessária para a compra dos aparelhos indispensáveis".

Fritz comentava com os seus correspondentes, a originalidade dos métodos adotados no Liceu, comparando-os com os adotados nas escolas alemãs. Não havia, pròpriamente, um plano de ensino, nem o sistema de séries anuais. Cada qual se matriculava na aula que melhor lhe parecesse ou aos pais. Assim, um poderia começar pelo Latim, outro pelo francês; êste pela matemática, aquêle pelo inglês, ou ainda freqüentar tôdas as classes. Também a duração das aulas e dos cursos não obedeciam a prazos rigorosos, especialmente entre os alunos mais adiantados.

Com a chegada da família, Fritz alugou uma casa na Praia de Fora, donde se descortinava uma vista que êle não se cansava de admirar e de transmitir aos amigos o seu entusiasmo por ela.

As atividades no Liceu, tomavam a Fritz Mueller, no primeiro ano, apenas três horas por dia, com dois alunos. O resto do tempo êle ocupava nas suas pesquisas à beira-mar e nas matas próximas.

Não descuidou nunca o estudo e a prática do português, corretamente escrito como o demonstram as suas comunicações às revistas científicas do país, mas falado, a princípio, com o indefectível sotaque característico dos tedescos.

Fritz sempre teve grande facilidade na aprendizagem de línguas. Além da materna, conhecia bem o inglês, o francês e o latim, tendo noções bem adiantadas de outras. Escrevia para as revistas inglêsas e para os seus amigos da Inglaterra, como Darwin, com extraordinário desembaraço em qualquer daqueles idiomas.

Assim, ao mesmo tempo em que procurava praticar a conversa-

Eternizado no bronze, Fritz Mueller é hoje uma glória mundial, cuja memória a ciência cultua como a do "Príncipe dos observadores da natureza do Brasil" como o chamou o sábio Darwin. A estátua de Fritz Mueller ergue-se na praça de seu nome, em Blumenau.

ção portuguêsa, ia anotando e registrando particularidades do nosso idioma, de sorte a poder comentar, em suas cartas, características interessantes a respeito.

Observava a um amigo: "A literatura portuguêsa, especialmente ao que concerne à técnica científica, pertence ao grupo das mais pobres, em contraposição, por exemplo, com a dinamarquesa e a sueca que, numa população muito pequena, podem se orgulhar de possuir obras originais sôbre as ciências naturais e contam com uma equipe de pesquisadores verdadeiramente surpreendente".

Em compensação cita as facilidades que o português, graças às construções com os particípios e os infinitos dos verbos, traz ao professor estrangeiro para fazer-se compreender, perfeitamente, pelos seus discípulos, sem os esforços que demandariam as lições em outros idiomas.

Em 1858, outro alemão veio juntar-se ao corpo docente do Liceu. Foi o Dr. Burkhardt, também recrutado na colônia. Fôra condiscípulo de Fritz quando êste, na Alemanha, praticara farmácia em Naumburg. Isso, como não podia deixar de ser, alegrou Fritz Mueller.

Cêrca de quatro anos depois da abertura do Liceu, Coutinho deixou a presidência da província. Cada um dos seus substitutos entrava com novas idéias a respeito do Liceu e êste, com as reformas que ia sofrendo, marcava passo, ou melhor, ia para trás.

Araújo Brusque, o primeiro que o substituiu, demitiu logo dois professôres, o de inglês e o de geografia, o primeiro um norte-americano e o último um alemão que antes entrara como imigrante na colônia Dona Francisca. A direção passou de Becker para Amphiloquio Nunes Pires. Êste, educado nos Estados Unidos, passou também a dar aulas de inglês.

E assim, com reformas e substituições, a obra de Coutinho foi perecendo. Fritz Mueller conta que não gostou de Araújo Brusque e solicitou demissão de professor de ciências naturais.

"O pequeno aparelhamento de física e química, há pouco chegado da Alemanha, foi vendido por uma ninharia. O comêço do meu jardim botânico em pouco tempo desapareceu sob a relva daninha..."

Fôsse Fritz de outro temperamento e certamente teria exultado com algumas das reformas de Brusque. Foram diminuídas as horas de aula; as férias anuais passaram a ser de três meses e os ordenados dos professôres foram aumentados. As perspectivas, para os professôres, haviam, assim, melhorado muito e Fritz poderia ocupar maior parte de seu tempo e do seu dinheiro nos seus estudos, nas suas pesquisas.

Mas a coisa não agradou ao sábio e quando, no ano seguinte, mais dois professôres foram substituídos e Becker morrera, tratou Fritz de preparar o seu regresso a Blumenau e à vida de colono da qual nunca deixara de sentir saudades.

Foi durante a sua estadia em Destêrro que Fritz Mueller fêz as observações explanadas no seu livro "Fuer Darwin" em apoio das teorias expostas pelo sábio inglês na obra que revolucionou o mundo científico: "A Origem das Espécies" e cujo centenário de publicação transcorrerá no ano próximo, mas já está fazendo movimentar as academias em todo o globo.

Já em meados de julho reuniu-se em Londres e a propósito dêsse centenário, um Congresso Internacional de Zoologia.

Seria interessante que se aproveitasse a oportunidade para um estudo sôbre a extensão da contribuição de Fritz Mueller para a obra de Darwin, contribuição que foi valiosíssima, como o atesta correspondência trocada entre os dois sábios.

BATEIAS DE BAIXO, no Itajaí-mirim já tinha moradores em 1847. Alguns dêles eram José Antônio da Silva Simas, José Mendes da Costa Roiz e Cipriano José Custódio que, naquele ano, requereram terras às margens daquele Ribeirão e lhes foram concedidas.

ITAJAÍ

A ANTIGA sede da freguesia do Santíssimo Sacramento, onde começou a colonização da Bacia do Itajaí, transformou-se na bela cidade que é, hoje, o maior pôrto de Santa Catarina. E' uma cidade de aspecto agradável simpático, habitada por um povo bom, acolhedor. Já tem indústrias apreciáveis, como a Fábrica de Papel, Moinho de Trigo da firma Malburg, Tecelagens, Usina Adelaide, e dezenas de outras de que falaremos oportunamente. Seu comércio é movimentado. E' centro exportador de todos os produtos da região, destacando-se a madeira, fumo em fôlha, cereais. Dezenas de barcos de grande tonelagem visitam o pôrto levando para outros portos brasileiros e para o estrangeiro grandes carregamentos de gêneros e produtos manufaturados. Tem uma das mais belas igrejas de Santa Catarina e é sede do Banco Indústria e Comércio (INCO). E' a cidade de Lauro Mueller, o grande chanceler, dos irmãos Konder, e de outros homens ilustres, que prestaram relevantes serviços à nação. Um dos nossos próximos cadernos será dedicado a Itajaí, cuja fotografia estampamos acima e que dá uma pequena idéia da sua importância atual.

A IMPRENSA falada e escrita de Brusque está representada por dois semanários: "O REBATE" e "O MUNICÍPIO" e por uma rádio-difusora, a Rádio Araguaia — ZYT-20

A CIDADE de Itajaí pode orgulhar-se de possuir um dos mais importantes empreendimentos científicos do Brasil, o HERBÁRIO BARBOSA RODRIGUES. Criada e dirigida pelo Padre Raulino Reitz, uma vocação científica de escol, essa instituição botânica é das mais florescentes, contando, atualmente, com 23.000 espécimes catalogados e edita o periódico "SELLOVIA", a maior revista botânica do país. E' uma instituição que honra a terra e o povo itajaienses.

Itajaí e Vasconcellos Drummond

J. FERREIRA DA SILVA

HÁ muito eu vinha alimentando dúvidas quanto à fundação da cidade de Itajaí por Antônio de Meneses Vasconcellos de Drummond, o diplomata que teve, também, destacada atuação nas lutas pela independência do Brasil.

Já em 1931, em artigos na imprensa blumenauense, expendi considerações em tôrno do assunto, apontando os motivos que me levavam a opor restrições às afirmativas de vários historiadores nesse particular.

Procurei, de então para cá, intensificar as pesquisas e aprofundar-me mais no estudo do tema tão interessante para o conhecimento dos fatos ligados à colonização e ao povoamento da Bacia do Itajaí.

E, quanto mais me adentrava no problema, mais em mim se acentuavam as desconfianças de que a história da fundação de Itajaí estava muito mal contada.

Com os elementos ùltimamente colhidos, posso, agora, afirmar que andam muito errados os que atribuem a Drummond a fundação da linda e futurosa cidade.

Não tem nenhum alicerce histórico o fato que se quer estribado nas próprias afirmações de Drummond nas "Anotações" (Vol. XIII dos "Anais da Biblioteca Nacional") de que êle tivesse organizado, em Destêrro, uma expedição provida do necessário, inclusive peças de um engenho de serrar e de um estaleiro para a construção de barcos, e com ela tivesse rumado para a barra do Itajaí, onde ancoraria para fundar ali um estabelecimento.

Nada disso é verdade. Nem é verdade que êle tivesse construído o engenho num dos ribeirões próximos, nem que tivesse mandado construir uma sumaca para o transporte dos produtos da sua colônia para o Rio de Janeiro.

No livrinho que pretendo entregar à publicidade dentro de pouco, darei as razões e as provas em que fundamento essas assertivas.

Quero, entretanto, resumi-las aqui, pois acho que já é tempo de se restabelecer a verdade em tôrno e de se fazer justiça aos que são, realmente, os fundadores da cidade e que jazem em completo esquecimento.

Deixando de lado as ocorrências anteriores a Drummond, a propriedade e a posse efetiva de vários sesmeiros sôbre os terrenos em que assenta a atual cidade, vamos ao ponto capital da questão.

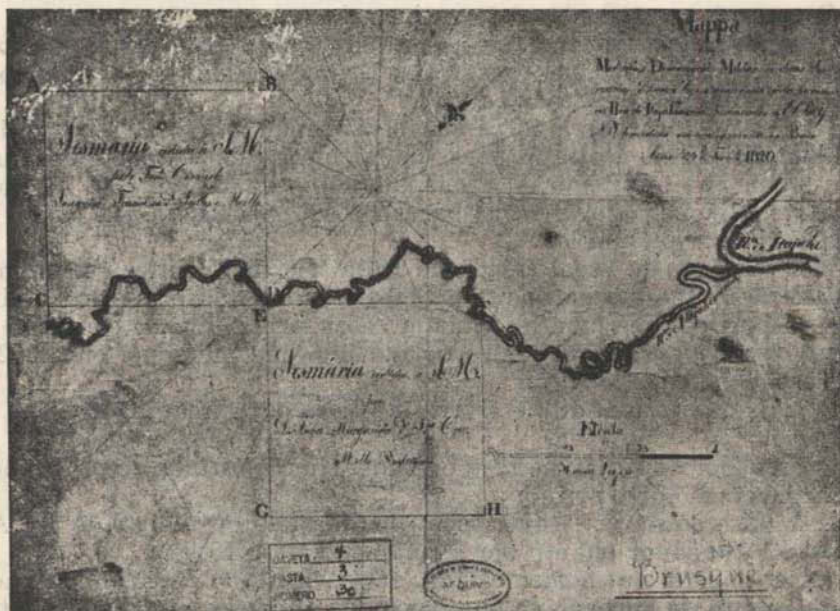
Depois de uma estadia de sete meses em Santa Catarina, Vasconcellos de Drummond regressou, em 1819, ao Rio de Janeiro. Apresentando-se ao ministro Vila Nova Portugal, expôs-lhe o resultado de suas observações quanto às condições da província, sôbre o que já se havia feito e o que restava a fazer em relação à colonização e povoamento do seu território e sugerindo medidas que julgava indispensável fôssem tomadas para a concretização do plano que fôsse aprovado.

Entre parênteses: Os planos que êle expôs ao ministro, eram, pouco mais ou menos, os mesmos de que, alguns anos antes (1816) Miguel Ferreira de Brito tratara na sua conhecida "Memória Política" (reabertura da estrada de Lajes, anexação dessa vila paulista à capitania, colonização dos vales dos dois Itajaí, etc).

E sugeriu, também, o aproveitamento de duas sesmarias, de uma lé-

gua em quadro cada uma, nas margens do Itajaí-mirim, que eram de propriedade do Tenente Coronel Joaquim Mello e de Dona Ana Rodrigues e que êstes estariam dispostos a ceder a El-rei, caso êste se dispusesse a aproveitá-las para um estabelecimento colonial.

Essas sesmarias ficavam cêrca de dez quilômetros, acima da confluência daquele rio no Itajaí-açu e se estendiam por mais doze quilômetros adiante, ou seja, pelo território do atual município de Brusque.

O ministro — honra lhe seja feita! — que muito se interessava em desenvolver econômicamente a província, e ainda porque lhe convinha manter afastado da Côrte o seu irriquieto protegido, concordou com Vasconcellos Drummond.

EIS aí o mapa das duas sesmarias, das quais Vasconcellos de Drummond deveria tomar posse para El-Rei e, nelas, fundar um estabelecimento. Como se vê, ficavam êsses terrenos umas duas léguas acima da confluência do Itajaí-mirim no açu. No canto superior direito lê-se: "Mappa da Medição e Demarcação Militar de duas sesmarias d'huma legoa quadrada cada huma no Rio de Itajaimirim pertencentes a El-Rei N. S. procedida em consequencia do Regio Avizo de 4 de Fev.º de 1820". No quadro da sesmaria A/B: "Sesmaria cedida a S. M. pelo Tene. Coronel Joaquim Francisco de Salles e Mello". Na sesmaria E/F: "Sesmaria cedida a S. M. por D. Anna Margarida de Sta. Cruz Mello Rodrigues". Note-se que o aviso real que mandou medir essas terras, data de 4 de fevereiro. No dia seguinte, 5 de fevereiro de 1820 foi determinado, por Aviso, a Drummond que fôsse receber essas terras para El-Rei, para nelas fundar um estabelecimento. Ali é que Drummond deveria fundar uma colônia e não nos terrenos sôbre os quais se estende a atual cidade de Itajaí, terrenos que, em 1820 já eram de domínio de particulares.

E, por aviso de 4 de fevereiro de 1820 (notem bem esta data) mandou medir, oficialmente, as duas sesmarias e, no dia seguinte, 5 de fevereiro de 1820 (perdoem a repetição necessária) determinou que Vasconcellos

de Drummond regressasse a Santa Catarina para tomar posse das duas sesmarias para El-rei e nelas fundar um estabelecimento.

O teor do aviso de 5 de fevereiro foi publicado à página 116 dêstes "Cadernos".

Por um dêsses felizes acasos com que a sorte premia, às vêzes, os esforços dos pesquisadores bem intencionados, vi em mãos do mestre Oswaldo Cabral, na documentação que conseguiu juntar para escrever a história de Brusque, a prova atrás da qual eu andava há muito tempo.

Bem se pode imaginar a alegria com que examinei o mapa da medição militar feita em conseqüência daquele aviso de 4 de fevereiro. Era a certeza de que eu não havia feito deduções erradas, nem havia engano nas minhas conclusões.

O mapa é o que ilustra êste artigo.

Observe-se êsse documento e as suas anotações e compare-se-os com as determinações do Aviso que encarregou Drummond de fundar uma colônia em Santa Catarina, no Itajaí-mirim.

Não se pode chegar a outra conclusão senão à apontada, a verdadeira: Drummond veio ao Itajaí para fundar um estabelecimento colonial no Itajaí-mirim, no território do atual município de Brusque. E ali tomou, realmente, algumas providências para pôr em execução o seu plano. Mas, nunca chegou a executá-lo.

Nos terrenos da atual cidade de Itajaí êle não praticou nenhum ato de colonização, mesmo porque todos êsses terrenos já eram do domínio e posse de particulares, que ali tinham casas e plantações, conforme fartamente tenho provado, inclusive no livrinho que publiquei em 1932, "A Colonização do Vale do Itajaí".

O mais que se tem dito e escrito é lenda, pura imaginação, sem base histórica.

O fundador de Itajaí, no meu entender, foi Agostinho Alves Ramos de quem falarei em outro artigo.

E diga-se desde já: Itajaí pode sentir-se tão orgulhosa de ter Alves Ramos por fundador quanto por Drummond, se o fôsse.

Agostinho foi um homem digno, ativo, dedicado inteiramente ao engrandecimento do povoado de que lançou os alicerces e que soube estimar e honrar até a morte.

Êle foi, em muitos aspectos, personalidade muito mais interessante do que Drummond.

Para Itajaí, principalmente.

CIPRIANO Custódio de Jesus e Francisco Vieira Fernandes requereram à Presidência da Província, em dezembro de 1847 (13 anos antes da fundação de Brusque), mil braças de terras de frente com mil e quinhentas de fundos, "no Rio Itajaí-mirim, na margem do norte do dito rio, no lugar denominado Limoeiro, extremando pelos fundos e lados com terras devolutas". A Câmara de Pôrto Belo informou favoràvelmente.

— * —

O PRIMEIRO jornal que se publicou em Itajaí foi "O ITAJAÍ", em 1884, fundado e dirigido pelo professor João da Cruz e Silva. Apenas apareceram três números.

O abastecimento de água de Blumenau

Reinoldo ALTHOFF

ATENDENDO ao apêlo do grande amigo de Blumenau, Sr. Ferreira da Silva que, por uma deferência tôda especial convidou-me para escrever algo sôbre o abastecimento d'água em Blumenau, faço-o com prazer, pois que, depois de três lustros a serviço desta encantadora e pitoresca cidade, já me sinto blumenauense de ação e coração.

Quando empossado Interventor Federal em Sta. Catarina, foi uma grande preocupação do Dr. Nereu Ramos de Oliveira zelar pela saúde de seu povo. O litoral se esvaía e definhava pelas endemias; o empaludismo campeava; o amarelão, já vinha do berço; a subnutrição ceifava vidas. O sistema precaríssimo de higiene, multiplicava os casos de infecção intestinal e verminose. Em Lajes a incidência da febre tifóide era de estarrecer. A cidade, que não possuía esgôto de espécie alguma, nem fossas sépticas, servia-se de cubos para necessidades fisiológicas, em caráter precaríssimo. Os mananciais de água potável eram rasos. O solo poroso contribuía espantosamente para a poluição das águas do subsolo. Em Blumenau, repetia-se o fenômeno: Os poços eram cavados em terras porosas de aluvião; a água era extraída por sistemas rudimentares, com vasilhas expostas à poeira. Para facilitar, os poços, geralmente, eram situados junto às instalações sanitárias. A higiene acompanhava automàticamente a contaminação. Os abastados mais próximos ao rio, davam-se ao confôrto de bombear as águas do rio Itajaí-açu, e possuíam rêde de água domiciliar. Não cogitavam, entretanto, que estavam absorvendo do esgôto de tôdas as populações ribeirinhas num curso de rio de 240 km. de extensão. Os hospitais de Blumenau possuíam mais de 60 leitos isolados para tratamento do tifo, que viviam repletos. Anualmente, preciosas vidas eram ceifadas no centro da cidade, comprovadas pela estatística de "causa mortis" dos hospitais.

Foi quando S. Excia. instituiu no Estado os Centros de Saúde, para prodigalizar em escala crescente a Assistência Social. Médicos foram recrutados. A expensas do Estado, foram mandados a São Paulo, para freqüentarem cursos especializados de medicina sanitarista. De volta, foram destacados para dirigirem os Centros de Saúde. Os benefícios em outros setôres, tão logo se fizeram notar. O tratamento específico do tifo, porém, foi quase sem êxito. Quanto mais incidência, mais focos; a contaminação era geral.

Daí, estimulado pelos médicos sanitaristas, o chefe do executivo catarinense propôs-se a cortar o mal pela raiz. Em Lajes, foram de pronto atacados os serviços da construção do Abastecimento de água tratada, em 1940. Em 1940, o então Prefeito do município de Blumenau, Sr. José Ferreira da Silva, entabolou negociações com a Caixa Econômica para um empréstimo de Cr$ 3.500.000,00, contando com uma renda anual de Cr$ 3.000.000,00 pela Prefeitura Municipal. Por motivos alheios à sua vontade, não pôde concluir a obra gigantesca. Endossado pelo Sr. Interventor Federal o seu sucessor, o ilustre blumenauense, Dr. Afonso Rabe terminou os

serviços de Abastecimento de água em 1941. O então Departamento das Municipalidades contratou técnicos especializados Paulistas que projetaram a Estação de Tratamento, a de Recalque e a Rêde Geral. Os serviços de construção foram executados pelo Engenheiro Isaías de Mello. Em novembro de 1943, o Sr. Dr. Heitor Blum em modesta inauguração entregava ao povo de Blumenau esta obra gigantesca, que representa hoje um patrimônio de nada menos de Cr$ 50.000.000,00. Aqui permanece até hoje a rêde de água de Blumenau, entregando, sem interrupção, saúde aos Blumenauenses. Desapareceu o espectro do tifo na nossa cidade. Os nossos Facultativos já se esqueceram de diagnosticá-lo. Quando surge esporàdicamente algum caso, não há dificuldade de localizar a razão e de pronto eliminá-la.

A água de Blumenau é tratada pelo processo internacional. Com dosagens estabelecidas, de acôrdo com o seu estado "in natura" de hidróxido de alumínio e de cálcio, extirpa-se da água a matéria orgânica. De mês a mês, retira-se dos tanques de sedimentação cêrca de 5 toneladas de matéria orgânica mineral, em decomposição e em suspensão. Depois de retirada a matéria orgânica, recebe a água mais uma dosagem de hidróxido de cálcio para elevá-la ao estado de alcalinidade. Finalmente, recebe a água a última dosagem de hipoclorito de cálcio (cloro) que elimina completamente a ação do germen do tifo e do colibacilo.

A Estação de Tratamento serve a 4.000 residências e pequenas indústrias. Nos 15 anos de existência ainda não houve solução de continuidade. Nas épocas de aguda estiagem e mesmo com relativa restrição na energia elétrica, o blumenauense sempre teve fartura de água.

Blumenau, no entretanto, desenvolveu-se fora da espectativa. Planos arrojados de prédios de dezenas de andares já estão em evidência. As zonas mais distantes do perímetro urbano estão se enfeitando. A indústria do loteamento cria vulto. As montanhas que circundam a cidade se engalanam com novas residências modernas.

Dos 6.000.000 de litros de que dispomos para abastecer a cidade, 4 milhões são consumidos diàriamente. O consumo se agrava dia por dia. Em as pontas mais distantes e em horas de intensidade de consumo, às vêzes a água já é pouca. A natureza foi pródiga. Justamente nestes locais existem substanciosos mananciais. Por sugestão da Direção da Estação de Tratamento, o Poder Executivo já entrou em estudos para a construção nestes locais de novas Estações de Tratamento.

Estas Estações em número de 4, serão situadas na Itoupava Sêca, Velha, Garcia e Rua Itajaí. Formarão novas rêdes à volta de si próprias. Abastecerão integralmente todo o perímetro urbano. Terão caráter "standardizado" com bombas, dosadores e demais máquinas de procedência local. Qualquer desarranjo será de pronto reparado. Estarão tôdas interligadas à Estação Central. Havendo qualquer falha na Central, as Subestações abastecerão a parte central da cidade e vice-versa. O volume total diário de tôdas as Estações ficará em 12.000.000 de litros por dia de 24 horas. Teremos assim atingido o ideal do abastecimento d'água para Blumenau, que mesmo nas condições atuais prima como dos melhores do Brasil.

ITAJAÍ

De Fazenda à Cidade

Almirante LUCAS A. BOITEUX

III

IX. — COMO Inspetor das Colônias do Itajaí, o Major Agostinho ofiicou ao govêrno pedindo, autorização para estabelecer colonos fora das 500 braças em quadro, que a lei reservara para cada colônia. A 15 de fevereiro de 1836, o presidente José Mariano respondia-lhe afirmativamente, declarando não haver nisso inconveniente.

Em carta ao presidente, datada de 15 de março de 1836, A. Ramos propunha a "transplantação daquelas famílias já aclimatadas" para o interior da província, porquanto "existe concentrada na Ilha (de Sta. Catarina) huma superabundancia de população, que se assevera dar com pouca diferença mil habitantes por legua quadrada, cuja penuria obriga a huma emigração constante para o continente do sul, nem querendo povoar os sertões da Terra firme, pelo temor do Bugre".

O presidente da província Tte. José Mariano de Albuquerque Cavalcanti, em a "Falla" que apresentou à Assembléia a 5 de abril de 1836, em o parágrafo "Colonização e Catheques", assim se pronunciava a respeito das referidas Colônias: — "A lei provincial n.º 11 autorizou o estabelecimento de duas Colonias nas margens dos rios Itajahi, e Itajahi-mirim, cada uma com dois Arraiais, e a administração encarregou da execução desta lei, quanto ás Colonias, ao cidadão Agostinho Alves Ramos, conhecido pelo empenho que tem mostrado em promover a prosperidade de que é susceptivel aquele valioso distrito. "No seu oficio n.º 10 vereis que em execução da lei, já 29 datas estão distribuidas a Colonos nacionais e estrangeiros e deparareis com reflexões deste digno cidadão, que me parecem aproveitaveis. Se estes estabelecimentos progredirem, como promete a fertilidade e riqueza do solo e a facilidade dos transportes por água; se pela exploração do rio Itajahi, a que já mandei proceder, e em que se despenderá 1.200$000, se conhecer que o Itajahi-mirim é navegável até o Trombudo, são incalculáveis os bens que dai virão à província. Certo, Senhores, de que prestareis o vosso assenso e despesas com objeto que, de tão transcendente utilidade, inclui no orçamento a quantia que me pareceu precisa para os que deste titulo mencionastes no ano passado, e para os que crescem, e de que abaixo tratarei. Por ocasião de terem aparecido Bugres no distrito de Itajahi, foi ordenado ao mencionado cidadão Agostinho Alves Ramos, Major da Guarda nacional de Porto Belo, que fizesse correr os matos, e empregasse os meios convenientes para obstar as malfeitorias destes gentios ferozes, remetendo logo a conta das despesas que com esta diligencia se fizessem para serem pagas pela quantia a isto destinada. Parece, porém, que não foi preciso levar a efeito esta determinação".

A 26 de outubro do ano em questão, o Major Ramos dava parte ao govêrno de uma incursão de silvícolas em Camboriú, no dia anterior. Os bugres, em número de 7 ou 9, tinham assassinado 3 homens casados (entre êstes Manuel Aurélio). Ramos organizou logo uma escolta de 8 praças (de acôrdo com ordens que tinha de 8 e 24 de outubro de 1835) "assegurando-lhes o soldo respectivo, fornecendo-lhes armas, munições, carne, farinha e canoas. Da 3.ª Companhia (de Pedestres) de Camboriú — informa — deve seguir uma (escolta) em reforço do Tenente José Inacio Borges que hoje seguiu com 12 homens; e d'aqui seguiu tambem outra de 8 praças e 4 conductores pelo Itajahi-mirim a atacar o inimigo pela frente, ou a segui-lo caso tenha já passado. Devo enfim

recomendar a V. Exa. os serviços e prontidão que nesta diligencia empregaram o dito Tenente José Inacio Borges, que voluntariamente reuniu gente, ainda com deligencia — bem como seu filho José e os companheiros Domingos José Tomaz e Domingos José da Silva que animosamente acossaram o gentio, mataram um e julgam ter ferido gravemente dois; sem o que a mortandade seria tanto mais numerosa e horrível quanto o Gentio seguiu por lugar muito povoado e tinha de encontrar grande número de familias indefezas, sem homem algum".

X. — Ainda a respeito da exploração do Itajaí-mirim, o Major Ramos, que dela fôra encarregado, explicava a 1.º de junho de 1836 ao vice-presidente em exercício, Livramento, que o dito rio não era o que atravessava a estrada de Lajes; e, ao mesmo tempo, propunha-se a explorar o Itajaí-grande. O vice-presidente respondeu-lhe, no dia 23 do dito mês, declarando que nesse caso seria preferível começar-se a exploração do centro de Lajes a encontrar o rio que depois de margeado, melhor resultado daria do que praticando de modo inverso . . .

De conformidade com instruções do Ministério da Guerra, relativamente ao recrutamento na província para preenchimento dos claros do Exército, de novembro de 1835, a freguesia do Itajaí, pela resolução de 18 de fevereiro de 1836, devia dar 1 homem.

O major Ramos recrutou um ocioso e o enviou. O presidente, a 5 de outubro reclamou a tal respeito. Ramos respondeu a 11 do mesmo mês dando cabal explicação. Afinal, a lei provincial n.º 70, de 28 de abril de 1837, isentou do serviço da Guarda-Nacional os moradores do rio Itajaí, por estar a região exposta ao ataque dos silvícolas.

A paróquia em 1836 encontrava-se sem pastor. Ao Capelão-curado Frei Pedro Antônio Agote substituíra, em março de 34, o Padre Francisco José de Souza, que teve por sucessor, interino, o Padre Joaquim Serrano em agôsto de 1835.

A 8 de março de 1837 foi nomeado para reger a Escola de primeiras letras da freguesia de Itajaí o cidadão Francisco José das Neves, que foi substituído, interinamente, a 28 de maio do ano seguinte, por Antonio Joaquim Ferreira.

Diz-nos o Dr. Jacinto de Mattos, em "Colonização do Estado de Santa Catarina" que, devido a ataques de silvícolas a Camboriú "só permaneceram na colonia de Itajaí, em 1837, dois nacionais e seis estrangeiros, tendo os fugitivos abandonado lavouras e outras benfeitorias".

No ano seguinte (1838) com o estabelecimento de um pôsto de Pedestres em Itajaí, os retirantes animaram-se a voltar às suas propriedades e lavouras. Sob a direção do Major Agostinho foi iniciada a construção da Capela de pau a pique.

Em 1839 os dois arraiais do Belchior e Pocinho contavam 47 famílias brasileiras e 17 estrangeiras, somando 141 almas. Segundo outra fonte, eram os colonos em número de 152, sendo 30 casados. Nesse tempo a Escola encontrava-se vaga.

O Brigadeiro Carlos Pardal, presidente da província, em seu "Discurso" à Assembléia Legislativa, em 1839, assim se referiu às colônias do Itajaí — "Nas duas de Itajaí — Belchior e Pocinho — contam-se hoje 65 famílias, 48 nacionais e 17 de estrangeiros, com 141 individuos, aos quais se deram posse de 16.941 braças de terreno cultivado; já estavam levantados alguns engenhos de farinha e cana, e rápidos progressos farão êstes Colonos se forem protegidos e abrigados das depredações do gentio. A despeza de medição importou em 520$025 rs. que ordenei fosse paga pela Provedoria, lançando em dívida aos Colonos a cota que a cada um pertence, para ser por eles paga na forma do art. 5.º, da lei n.º 11. Com medições nas duas colonias foram despendidos 300$000 rs. (decreto de lei n.º 101".

O General Antero de Brito, presidente da província, em vista do aparecimento hostil dos bugres, expediu ordens, em 1840, ao Coronel chefe da 4.ª Legião (S. Francisco) para providenciar a respeito. Êste mandou sair, a 13 de janeiro de

1841, uma expedição que subiu pelo rio Cubatão (S. Francisco) para explorar tôdas as matas aquém da serra e bater ou afugentar os bugres devendo, no caso de não encontrá-los ali, avançar até as campinas de S. Miguel, Jararaca, Campo-Alegre, aquém do rio Turvo, e ao sul do rio Negro, além do Itapocu, seguindo as vertentes do Itajaí para sair pelos Ambrósios, na comarca de Curitiba. Para animar os moradores de Itajaí, aterrados com a aparição de alguns bugres, no lugar, Belchior autorizou também ao presidente a reunião de uma fôrça de Guardas-nacionais para ocupar durante o resto do verão o ponto ou os pontos onde êles sóem mostrar-se, a fim de os vigiar, contar e dar avisos.

Nesse tempo a Escola pública de Itajaí ainda não tinha sido provida. O vigário P. Francisco Rodrigues, que, desde princípios de 1838, exercia o religioso cargo da freguesia, foi substituído, em meados de 1841, pelo vigário de Pôrto-Belo, padre Antônio Augusto de Assis. Em novembro tomou conta do cargo o P. João Batista Romeiro. A Assembléia provincial concedeu 2 contos de réis para reparos na Capela existente.

O arraial do Itajaí-mirim ou pequeno contava, então, 35 colonos, 3 dêles casados. A 16 de abril de 1842 foram nomeados, José Henrique Flôres, Sub-delegado de Itajaí, e mais seis suplentes. Em agôsto, Jacinto de Souza Miranda, José Antônio da Rocha e Antônio Laurim (Lamin?) requereram ao govêrno provincial 1/2 légua de terras no sítio denominado "Rio do Garcia" (1), braço do Itajaí-assu. Ouvida a Câmara de Pôrto-Belo, esta publicou editais a respeito. Apresentou-se opondo-se à pretensão José Gomes de Almeida, que declarou ser de sua propriedade os terrenos requeridos, extremando pelo N. com terras de Antônio Gomes de Almeida, seu irmão, e José Gomes de Almeida, seu pai. Êste, cêrca de 1838, havia requerido 1.500 braças nos fundos das terras de seus filhos, mas nunca as medira nem cultivara, e desde 1841 se mostrava ausente da província.

Antônio Fernandes do Carmo, morador na freguesia de Itajaí, requeria ao presidente da província 200 braças de terras de frente com 500 de fundos, nos fundos das terras do ribeirão do **Gaspar** (2). A Câmara de Pôrto-Belo despachou favoràvelmente a 23 de novembro de 1843.

Nesse ano de 1843, tomou conta da paróquia de Itajaí o padre espanhol Francisco Hernandez, que se tornou famoso pelos seus desregramentos. Tendo sido criada na capital uma Escola Modêlo de instrução primária, concorreu também a habilitar-se nela o professor interino da Escola de Itajaí, em 1844, sendo plenamente aprovado.

O presidente da província, em a "Fala", dirigida à Assembléia, dizia que um pano da parede da Igreja de Itajaí ruíra; tratava-se de levantar outra com pilares, fazer a parede da frente e cobri-la de novo. A obra encontrava-se confiada à zeloza e pura administração do Tenente-coronel Agostinho Alves Ramos.

Informava também o presidente ter havido uma incursão de silvícolas nas Piçarras, cercanias de Itajaí, tendo os bugres matado uma mulher e um filho. Foram perseguidos, havendo alguns mortos.

XI. — Em setembro de 1844, o Major Charles Lebon Van-Léde, representante de uma Sociedade belga, que pretendia organizar-se e apresentava vasto projeto de colonização para Santa Catarina, pediu uma concessão de terras para o estabelecimento de vasta colônia. Depois de uma viagem à Europa, regressou êle a Santa Catarina onde adquiriu diretamente pequena extensão de terras à margem direita do rio Itajaí, para onde encaminhou, no ano seguinte, certo número de famílias belgas sob a direção de dois ou três indivíduos

---

(1) Diz José Boiteux em seu Dicionário: — "GARCIA, sede atual do município de Camboriú. Foi seu primeiro povoador Tomaz Francisco Garcia, que comprou os terrenos, onde se assenta a atual povoação em 1836, por 320 rs. a braça".

(2) "A origem do nome GASPAR — diz-nos o Dr. J. Ferreira da Silva — dado ao rio que banha a freguesia de S. Pedro Apóstolo, foi tomada, aos Três Reis Magos: GASPAR, Baltazar e Belchior, os dois primeiros afluentes do Itajaí. O BALTAZAR deveria ser o GASPAR-PEQUENO, ou então o ribeirão do Arraial, que tomou o nome após a criação do arraial do Pocinho". Esclerece-nos o mesmo erudito autor que "em passados tempos o rio Camboriú era denominado GARCIA".

aos quais cedeu parte dos terrenos adquiridos. Os colonos acabaram por romper o contrato e se estabeleceram por conta própria.

O presidente Antero assim se manifestou em a "Fala" à Assembléia em 1845: — "O cavalheiro Van Lede, belga, nas terras que ùltimamente comprara no distrito de Itajaí, já situou cêrca de 100 colonos, e tem em vista a colonização em grande escala, se fôr para isso secundado como espera, pelo govêrno imperial".

Sôbre essa tentativa colonizadora, o Dr. J. Ferreira da Silva, em um dos seus eruditos trabalhos, nos forneceu preciosos detalhes.

A fim de garantir os colonos contra investidas dos silvícolas foi mandada estacionar, em 1844, ao norte da província uma companhia de Pedestres.

Em janeiro de 1846 foi estabelecida a denominada "Colônia Belga"; e, nesse mesmo ano moradores de Camboriú assentaram arraial às margens do ribeirão que atravessa a atual cidade de Blumenau. As leis provinciais n.º 274, de 4 de maio de 1848, e 424, de 7 de maio do ano seguinte, concederam, respectivamente, 200$ e 400$ para reparos na igreja matriz.

Em abril de 1849, os bugres atacaram a Fazenda do Alferes João da Silva Mafra, na "Volta-grande" do Itajaí, matando três escravos, ferindo um e roubando ferramentas. Para afugentá-los seguiu um refôrço de Pedestres.

A 22 de novembro dêsse ano foi nomeada D.ª Maria Leopoldina da Glória para a Escola de meninas, criada nessa mesma época por deliberação da presidência. Foi removido de Tubarão para Itajaí o professor Fernando da Serra Carneiro, em substituição do professor José Rodrigues Coelho. A lei provincial n.º 307, de 13 de maio de 1850, fixou os vencimentos do mestre-escola de Itajaí em 250$.

O Coronel A. Alves Ramos e sua espôsa vendem, a 17 de setembro de 1849, ao alemão Fernando Hackradt uma casa na freguesia do Itajaí e um terreno de 1.150 braças de frente à margem do Itajaí-mirim, onde foi construído um barracão para alojamento dos primeiros colonos alemães, informa-nos Costa Rodrigues.

A 16 de julho de 1853, pelas cinco horas da tarde, deixou de existir o grande impulsionador do progresso de Itajaí, coronel Agostinho Alves Ramos.

A lei provincial n.º 424, de 15 de maio de 1856, concedeu 600$ para as obras da matriz. A freguesia do Itajaí, pela lei provincial n.º 464, de 4 de abril de 1859, foi elevada à categoria de Vila e sede do município do mesmo nome, compreendendo os distritos de Itajaí, Camboriú e Itapocoroí. Brusque foi desligada pela lei 694, de 31 de julho de 1873. A lei n.º 743, de 28 de maio de 1874, concedeu 400$ para reparos na matriz. E, no ano seguinte, pela lei n.º 750, de 28 de abril, foi autorizada a despesa de 2.000$ para o mesmo fim.

A florescente Vila de Itajaí, pela lei provincial n.º 819, de 1 de maio de 1876, alcançou, finalmente, os foros de cidade.

COMO as grandes cidades da Bacia do Itajaí, Brusque também possui várias sociedades culturais, desportivas e recreativas. Entre elas: Sociedade Cultural e Beneficente Cônsul Carlos Renaux; Sociedade Beneficente Brusque; Conservatório Brasileiro de Música (departamento de Brusque); Ação Social Paroquial; Sociedade Amigos de Brusque; Instituto Santa Inês; Rotary Clube; Lions Clube; Clube Filatélico Brusquense; Sociedade Avícola 12 de Julho; Clube Atlético Carlos Renaux; Clube Esportivo Paissandu; Clube de Xadrez Brusque; Sociedade Desportiva Laranjeiras; Associação dos Cronistas Desportivos de Brusque; União Estudantil Brusquense; Serviço Social de Indústria (Seção Desportiva); Sociedade de Tiro e Caça "Araújo Brusque"; Sociedade Esportiva Bandeirante; Sociedade de Caça e Tiro Ipiranga; Sociedade Hípica Brusquense, e algumas outras.

A prisão do padre Jacobs

O PRIMEIRO VIGÁRIO DE BLUMENAU, o padre José Maria Jacobs, teve muito atribulados os seus últimos meses de paroquiato e de vida.

Muito zeloso no cumprimento dos deveres de seu ministério, entrou, logo no comêço da república, em luta com as autoridades municipais, principalmente com o Dr. Bonifácio Cunha, superintendente municipal. Por ocasião de um batisado a mãe da criança declarou que a mesma era filha natural do Dr. Bonifácio. Por ter o padre registrado essa declaração começou a inimisade entre os dois. Posteriormente o Dr. Cunha mandou derrubar, arbitràriamente, umas cêrcas e abrir ao público um caminho dentro da propriedade da paróquia, o que veio agravar a situação. O padre até do púlpito verberava o procedimento do político. Foi o padre processado por injúrias. Mais tarde, o padre Jacobs celebrou casamentos antes do ato civil. Bonifácio Cunha aproveitou a oportunidade para provocar novo processo contra o vigário. E a coisa ficou séria. Aberto o inquérito e depois o sumário de culpa, o padre foi pronunciado. Mas encontrava-se no interior do município, em Ascurra, por isso foi organizada em Blumenau uma escolta para prendê-lo.

Temos, em nosso arquivo, algumas notas, colhidas pelo mestre Frei Estanislau Schaette, do Sr. Jacob Tarnowski, residente em Sandstrasse, que foi testemunha dos acontecimentos. Tarnowski assim narrou a Frei Estanislau alguns fatos ligados à prisão do padre:

"No domingo da Quinquagésima, 28 de fevereiro de 1892, compareceram 24 russos-polacos, residentes em Braço do Warnow, em casa de José Tarnowski no Steinbach, perto do Indaial. Tinha-se espalhado o boato da prisão iminente do padre Jacobs que, naqueles dias, se encontrava em casa dos Buzzi, em Ascurra. Os russos-polacos eram imigrantes que haviam fixado domicílio no Ribeirão do Warnow há pouco tempo. O chefe dêles era um certo Stronkowski, intitulado "capitão", homem de fôrça extraordinária e de igual coragem, sabendo bem manejar as armas e comandar a sua pequena mas intrépida "companhia".

Rikalski era o tenente e Grzybowski o sargento. Quase todos os membros dêsse "batalhão" conheciam a arte militar porque tinham passado de 3 a 12 anos nos quartéis de sua antiga pátria. Achavam-se com a intenção de atacar a polícia e seus ajudantes que viriam de Blumenau prender o vigário. O lugar do assalto à escolta policial seria pertinho do Indaial, onde o caminho conduz à balsa dos Carijós.

José Tarnowski, porém, não lhes pôde dar uma informação segura, nem o irmão dêle, Jacob Tarnowski, na Estrada da Areia, e que era íntimo amigo do padre ameaçado. Contava-se que as autoridades de Blumenau tinham intenção de ir a Itajaí, onde julgavam estivesse homiziado o vigário.

O pequeno grupo dêsses valentões passou a maior parte do dia na Estrada da Areia divertindo-se a valer. Um dêles fazia exercícios de ginástica andando sôbre as mãos e com as pernas para o ar, provocando geral alegria. Outros deram provas das suas habilidades em atirar ao alvo. O capitão pegou, num gesto só, dois homens fortes e os deitou por terra.

desafiando outros para que chegassem em três e quatro que êle os derrubaria com um só golpe.

Ao cair do sol, os "heróis" voltaram para casa. No dia seguinte, verificou-se a "marcha triunfal" da polícia e dos inimigos do padre que se dirigiram a Ascurra à cata do padre que, realmente, lá foi prêso.

Os russos-polacos souberam do acontecido sòmente pela tarde de 3.ª feira de carnaval e logo puseram-se de novo em marcha para libertar o padre da cadeia. Chegaram, porém, sòmente até Indaial pois ali souberam, por testemunhas fidedignas, que o Jacobs já se encontrava em liberdade na sua canônica".

Como se vê, é um depoimento interessante de uma época agitadíssima na vida de Blumenau. Hercílio Luz, depois envolvido em acontecimentos de repercussão em todo o país, foi quem prestou a fiança que permitiu fôsse o padre Jacobs pôsto em liberdade.

Gente de bom humor

NO tempo em que Blumenau era aquela paradisíaca colônia de que tantas saudades sentimos, havia numa das linhas coloniais do interior, um ferreiro chamado Fritz.

Fritz, nas horas vagas, também era o veterinário da região. Homem esperto em doenças de animais, era consultado por todos os moradores da linha e dizia-se que êle sabia fazer uma enxada com a mesma segurança com que acertava remédio em animal doente.

Certa vez, Hans, um colono seu vizinho, apareceu-lhe à porta da ferraria puxando, pelo cabresto, o Bugre, um garboso cavalo baio.

E, com cara de chôro, foi se clamando:

— O meu pobre Bugre está muito doente, Fritz. Tem uma coisa na garganta que o faz tossir e espirrar a cada instante . . .

Como se compreendesse o dono, o Bugre começou a bufar e a tossir que era uma pena se ver.

Fritz, com ares superiores de mestre que já viu tudo", foi sentenciando:

— Isso não é nada, Hans. E' uma doença que anda por aí; um andaço, como diz o João Vicente. Isso se cura logo. Entra aqui ! . . .

No interior da ferraria, Fritz tomou de um comprido canudo de bambu, pôs-lhe dentro um bom punhado de um pó escuro e fino e ordenou a Hans:

— O mal é fundo, na garganta. Mete uma ponta do canudo na bôca do baio e assopra pela outra ponta,com fôrça, para que o pó penetre bem ! . . .

Hans saiu para aplicar o remédio. Dali a momentos, voltou quase sufocado, com a cara vermelha e inchada, tossindo e gesticulando como um desesperado.

O ferreiro acudiu, perguntando:

— Que foi isso, Hans?

E Hans, num gemido:

— O cavalo assoprou primeiro . . . .

Efemérides Blumenauenses

JUNHO

1881 - dia 18. Foi inaugurada a nova ponte sôbre o ribeirão Gaspar. Essa ponte custara apenas 2:061$000.

1881 - dia 21. Chegou em viagem de propaganda o Dr. Betim Pais Leme, antigo diretor da colônia Brusque e candidato a Deputado Geral.

1883 - dia 2. O colono Kleinschmidt, de Rio dos Cedros, apanhou, vivo, em uma armadilha, um tigre de grandes proporções.

1883 - dia 13. O "IMMIGRANT", desta data, noticia: "A linha telefônica, executada pelo Sr. Asseburg, de Itajaí, e que deverá ligar essa cidade com Brusque e Blumenau já se acha pronta".

Por êsse tempo foram montadas as máquinas de fiação e tecelagem da firma Karsten, Hadlich & Roeder. Essa firma comprava algodão aqui produzido.

1883 - dia 15. Na viagem regular do vapor "Progresso", êste transportava, nesse dia, para Itajaí, a seguinte carga: 3 caixas com carne em conserva em pequenas latas; 2 latões com carne em conserva; 9 caixas com charutilhos; 2 caixas com cêra; 8 caixas com mel; 5 caixas com toucinho; 2 caixas com lingüiça; 11 caixas com ovos; 2 barricas com ovos; 95 caixas com batatas; 6 fardos de tabaco; 47 sacas de feijão prêto; 11 sacos de arroz; 10 sacos de milho; 2 barricas de artefatos de ferro; 3 caixas com artefatos de ferro; Ao todo 386 volumes. Infelizmente, na altura de Belchior o vapor encalhou, tendo que descarregar parte dos volumes para safar-se.

1883 - dia 23. Às 6 horas, pelo "Progresso", chegou a esta vila, acompanhado de sua espôsa, o Presidente da Província. Avisados pelo telefone de Itajaí, os dirigentes municipais organizaram festiva recepção. Compareceram, além das autoridades, crescido número de moradores, os professôres e alunos das escolas. Ao apontar o vapor na curva do rio, ouviu-se o pipocar dos foguetes, tocando a banda de música o Hino Nacional. S. Excia. hospedou-se no Hotel Schrepp. Depois do jantar, a sociedade de cantores "Germania" cumprimentou S. Excia. com diversos cantos. A 24, S. Excia. visitou a vila e as repartições públicas, fazendo passeios aos arredores da sede. À noite foi-lhe oferecido um animado baile. No dia seguinte, S. Excia. regressou com o "Progresso" até Gaspar, de onde seguiu para Brusque, a cavalo, seguindo sua espôsa diretamente para Itajaí.

1883 - dia 27. Chegou a Blumenau, em visita ao seu irmão, o sábio Fritz Mueller, o Dr. Guilherme Mueller que também deixou seu nome ligado à ciência por trabalhos notáveis.

1884 - dia 30. Faleceu um dos mais antigos moradores da colônia, Frederico Tiedt, com 69 anos.

Entre junho e julho apareceu na colônia uma praga de ratos. Ratos em quantidade invadiram casas e roças, fazendo grandes estragos.

Junho e julho de 1884 foram excessivamente frios em Blumenau, tendo geado extraordinàriamente.

1889 - dia 5. Cêrca de 80 colonos de Ilhota atacaram a casa de Van Dal, procurador do Hospital de Bugres, Bélgica, legatário dos bens de Van Lede, o fundador da Colônia Belga. Os colonos, furiosos com a determinação de Van Dal de mandar medir as terras que êles ocupavam, arrebentaram as portas e janelas da casa do procurador e atiraram êste ao Rio. Van Dal foi salvo por Altenburg e sua gente. A história da fundação de Ilhota, que culminou em episódios violentos como o narrado acima, é interessante e será oportunamente contada num dêstes Cadernos.

JULHO

1881 - dia 4. O colono Schlegel, de Ilse, é assassinado a facadas por Francisco Miranda Leite.

1883 - dia 6. Chegou pelo "Progresso" o novo harmônio para a Igreja Evangélica, encomendado por intermédio da firma Ernesto Wahl & Cia. de Destêrro. O harmônio custou, na Alemanha, 1.500 marcos.

1883 - dia 15. Os bugres apareceram na propriedade de Wilhelm Schwifelbein, em Itoupava Rêga roubando gado e plantações.

1887 - dia 9. Carlos Wetzel funda a "Deutsche Privat-Schule", em casa da viúva Schrepp. Lecionava alemão, matemáticas, geografia, história do Brasil e da Alemanha, história universal, física elementar, história natural e religião. Mensalidade: 1$500 (Cr$ 1,50).

1887 - dia 10. Na sessão do Júri, reunida nesta data, entra em julgamento Frederico Franz, autor de homicídio, que foi condenado à morte. O réu foi defendido pelo advogado Santos Lostada. A pena de morte não foi executada, tendo o Imperador a comutado em prisão perpétua.

1887 - dia 27. Chegam, com o Progresso, 4 caixas com o relógio para a tôrre da igreja evangélica.

EM 1848 (dois anos antes da vinda do Dr. Blumenau para fundar a sua colônia) as terras marginais do Ribeirão Garcia, onde teve comêço a cidade de Blumenau, já estavam, em grande parte ocupadas por colonos vindos de Pôrto Belo, Itajaí etc. Da informação dada pela Câmara de Pôrto Belo, num requerimento que Crispim Antônio de Souza fêz ao govêrno da Província, datada de 26 de setembro de 1848, consta o seguinte: "Registo da informação dada ao requerimento de Crispim Antônio de Souza, que requer 300 braças de terras de frente com 500 de fundos no Ribeirão do Garcia, no fim das datas dos soldados casados da Companhia de Pedestres. A Câmara informa que êle é casado e não tem filhos; é lavrador e vive nas terras do sogro por não ter terras suas. Enquanto à porção que se lhe pode conceder: 300 braças de frente com 1000 de fundos. A respeito de estarem devolutas as terras que requer, pelas informações que a Câmara tem, no Ribeirão do Garcia já não se acham terras devolutas".